



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

NUMERO ESPECIAL

SUMÁRIO

- I. **Carta do Card. G. Villot, Secretário de Estado de S. Santidade, ao Reitor Maior**
- II. **O Reitor Mor: Discurso de abertura do Capítulo Geral Especial**

O Senhor esteja convosco — Nosso trabalho é um serviço extraordinário — A sede que nos acolhe — Nossa tarefa fundamental e especial — Um guia seguro: os ensinamentos do Magistério — Tratamos dos negócios de Deus — A renovação tem um nome: santidade — Renovação em estilo salesiano — Da oração à sabedoria — A humildade: pressuposto para construir conjuntamente — Os dois polos da nossa fidelidade — Um só coração na caridade — Da integração de nossas forças nasce a conquista da unidade — Ao trabalho com coragem e confiança — As razões de nossa confiança — “É Maria quem nos guia”.

- III. **O Reitor Mor: Apresentação do Relatório Geral sobre o estado da Congregação**

A colaboração do Conselho Superior — Características do relatório — O Salesiano como centro do interesse da Congregação — Os momentos da formação — A crise das vocações — Os salesianos coadjutores — A ação salesiana e a juventude pobre — Os centros juvenis — O “redimensionamento” e os seus reflexos — O problema dos dirigentes — As Missões — A solidariedade fraterna — Apostolados sociais — Governo e estruturas — A economia — Vivemos com a caridade dos benfeitores — O problema central é sempre o Salesiano.

CARTA DO CARDEAL G. VILLOT, SECRETÁRIO DE SUA SANTIDADE, AO REITOR MAIOR

Secretaria de Estado *Cidade do Vaticano, 26 de abril de 1971.*
n.º 182 803

Reverendíssimo Senhor

Foi com satisfação que o Sumo Pontífice soube que a 10 de junho próximo, na nova Casa Geral, de Via della Pisana, em Roma, terão início os trabalhos do Capítulo Geral Especial da Congregação fundada por S. João Bosco.

Tal acontecimento é muito importante na história da Sociedade Salesiana: é sinal de sua atividade sempre juvenil, e de seu desejo de se conformar intimamente com as diretivas da Santa Sé e do Concílio Vaticano II. Por isso Sua Santidade deseja expressar seus votos de que a reunião de tão numerosos e experimentados Religiosos, que trazem consigo as experiências, os ecos, as esperanças da grande família de D. Bosco, espalhada por todo o mundo, dê os frutos que V. Rev.ma, os Superiores e os Irmãos esperam. Para tanto, assegura que fará orações.

Na realidade o Santo Padre compreende muito bem que o vosso Instituto realiza o Capítulo em um momento histórico singular, cheio de promessas, mas também não isento de dificuldades e de crises, devidas quer a causas externas — as transformações que se atuam na sociedade em que vivemos e que tornam mais difícil a penetração da mensagem cristã — quer a causas internas — as repercussões que tais mudanças têm, em geral, sobre a vida religiosa, que se interroga sobre si mesma, sobre as suas finalidades e os seus

resultados, e, em especial, também sobre a grande Família Salesiana.

Se se pensar, com efeito, na enorme importância que assumiu no mundo o problema dos jovens, a quem ela dedica suas melhores energias, se se pensa nos fermentos que permeiam e que agitam a juventude, na aparente ineficácia que se atribui aos métodos pedagógicos tradicionais, e na exigência, diversamente sentida e experimentada, de novas técnicas educativas, não se pode deixar de ver como são grandes os problemas que se põem à reflexão, à discussão e à oração dos Padres Capitulares.

O Santo Padre aplaude à nobre empresa que se propõe atualizar as diretrizes de apostolado e de vida religiosa dos Salesianos. Ao mesmo tempo, faz ressaltar que a solução dos problemas mais urgentes deve ser buscada antes de mais nada no estudo consciente e na aplicação diligente dos documentos conciliares relativos à vida sacerdotal e religiosa, entendida como total consagração a Cristo e à Igreja para servir às almas.

No caso de sua Congregação, tal coisa quer dizer dedicar-se especialmente aos jovens, para ajudá-los a serem eles mesmos, a viverem autenticamente a própria experiência humana e cristã, fazendo com que encontrem na amizade com o Divino Redentor, cultivada com lealdade e fineza de sentimentos, o fulcro animador de sua completa formação, a qual tem como centro a vida sacramental da Igreja e a caridade para com os irmãos.

Um tal programa, que não é outro senão o mesmo do Fundador de sua Família Religiosa, não pode ser plenamente aplicado sem que se busque em sua atuação o genuíno espírito de D. Bosco, que até o presente deu uma fisionomia inimitável às suas obras, e tem sido princípio muito fecundo de bem para a Igreja e para a humanidade, encaminhando todo esforço para o cuidado da juventude; e também hoje

esta é e continua a ser a principal tarefa de quem, como os Salesianos, quer bem aos jovens e quer assegurar que suas forças, intactas, sirvam aos ideais do Evangelho, à defesa dos sãos valores da pessoa, da família e da sociedade.

O Vigário de Cristo, enquanto renova os votos e diretivas que dirigiu aos membros da Congregação Salesiana na recente audiência de 3 de abril de 1971 (cfr. L'Osservatore Romano, 4 de abril de 1971), alegra-se em exprimir a V. Rev.ma e aos seus Colaboradores sua viva complacência e encorajamento por motivo de sua atividade de orientação e estímulo, e pelas intenções que os animam ao celebrar o Capítulo.

Em particular, o Santo Padre conhece suas ansiedades e solitudes quotidianas, aprecia seu trabalho, não fácil nem repousante, e quer assegurar a V. Rev.ma que neste momento delicado Lhe está muito perto com Sua paterna benevolência e com Sua oração, para invocar sobre V. Rev.ma a assistência onipotente do Senhor, por intercessão de Maria Auxiliadora e de S. João Bosco, de quem V. Rev.ma recebeu a pesada herança, e que do Céu não deixará de proteger e vivificar a Família por ele fundada.

O Santo Padre acompanha estes votos com sua propiciadora Bênção Apostólica, que de todo o coração dá a V. Rev.ma, aos Capitulares e a todos os membros da Congregação.

De minha parte, desejo cordialmente que o trabalho chegue a um feliz termo, enquanto me valho da ocasião para confirmar-me com sentimentos de religioso obséquio

de V. S. Reverendíssima
devotíssimo no Senhor

G. Cardeal Villot.

DISCURSO DE ABERTURA DO CAPÍTULO GERAL ESPECIAL, PRONUNCIADO PELO REITOR MAIOR

Meus caros,

não escondo a comoção que me toma neste momento: são tantos os sentimentos que passam por minha alma e que a ela se impõem.

— Alegria, ao ver que irmãos provenientes das regiões mais diversas e distantes, nos encontramos aqui chamados pelo mesmo ideal, movidos pelo mesmo espírito, em nome do Pai comum.

— Satisfação, porque vossa presença nesta sala representa visivelmente o coroamento do longo e laborioso “iter” de preparação a este Capítulo.

— Confiança vivíssima e fundada em que, com a graça de Deus, unidas as forças e os corações, saberemos realizar felizmente o mandato verdadeiramente excepcional que a Congregação, obtemperando à vontade da Igreja, nos confiou.

Cabe-nos, infelizmente, constatar com profunda tristeza que em nossa assembléia faltam irmãos que nos são a todos peculiarmente queridos. Não lhes é dado viver convosco estes dias de caridade fraterna, salesiana e construtiva.

Sofrem intensamente por esta ausência forçada, mas ao mesmo tempo encontram no amor da Congregação a força para transformar o sofrimento em holocausto de oração por todos nós e por nossos trabalhos.

Juntamente com esta oração preciosa, eles oferecem à Congregação um dom não menos precioso: a fidelidade.

De uma carta recebida recentemente de além da cortina de ferro, cito o seguinte trecho: “Acredite, nunca amamos tanto nossa vocação quanto a amamos nas provações... Asseguramos ao Senhor nossa fidelidade, prometendo nossas humildes mas fervorosas preces, para que o Capítulo Geral produza uma renovação salutar e uma melhoria de vida na grande família de D. Bosco”.

A todos estes nossos irmãos, em qualquer parte e de qualquer modo impedidos de exercer este seu direito de homens livres, o nosso pensamento afetuosamente admirado e reconhecido, que se traduz na oração, enquanto recebemos deles a admoestação e o exemplo de uma fidelidade à Congregação tanto mais sentida e generosa quanto mais imersa nas lágrimas e no sofrimento.

“O Senhor esteja convosco”

Ao declarar oficialmente aberto o XX Capítulo Geral Especial, de acordo com o art. 138 das nossas Constituições, não haveria uma saudação mais bela para mim, e certamente mais agradável a vós que esta: “O Senhor esteja convosco!”. É o Senhor Jesus quem nos assegura: “Todas as vezes que dois ou três se reunirem em seu Nome, Ele está no meio deles”.

Tinha já escrito estas palavras, quando achei bom consultar as “Memórias Biográficas” para ver o que nosso Pai tinha dito aos irmãos reunidos em Lanzo, a 5 de setembro de 1877, para o Primeiro Capítulo da Congregação. Eis suas palavras:

“O Divino Salvador diz no Santo Evangelho que onde estão dois ou três reunidos em seu Nome, aí se encontra Ele em seu meio. Nestas reuniões não temos outro escopo que a

maior glória de Deus e o bem das almas remidas pelo Sangue precioso de Jesus Cristo. Podemos, pois, estar certos de que o Senhor se encontrará entre nós e Ele mesmo conduzirá as coisas de modo a que resultem na Sua maior glória”.

Como vedes, há uma coincidência de pensamento e de sentimento que nos leva a acolher e viver intensamente esta saudação, que é também um desejo, que vem não tanto de minha parte, quanto principalmente da parte de nosso mesmo Pai: “O Senhor esteja convosco!”.

Nosso trabalho é um serviço extraordinário

Reuniu-nos, assim, o Senhor neste lugar, através dos caminhos misteriosos de Sua Providência. Para quê? A resposta é simples.

Fomos chamados aqui para prestar um “serviço extraordinário” à nossa mui amada Congregação. É claro que o participar de um Capítulo Geral é sempre um serviço fora do comum, mas sentimos que participar deste Capítulo Geral como nós, é um serviço verdadeiramente extraordinário, e até se pode dizer único.

Sabemos bem que o atual Capítulo é diferente de todos os demais. É “especial”, e isto por disposição da Igreja, que deu igualmente normas, diretrizes e critérios para sua preparação e realização: e não somente isso, mas indicou-lhe ainda claramente os fins e as metas.

E nós, seguindo a linha de agir de nosso Pai, nos empenhamos a fundo para cumprir fielmente a vontade da Igreja.

Por este motivo a preparação foi extraordinária: quanto à sua duração — cerca de três anos — quanto à vasta capilaridade das consultas, a fim de se conhecer o pensamento de todos os irmãos da Congregação a respeito dos numerosos

problemas que ela apresenta, — quanto à participação e à contribuição que trouxe o estudo dos irmãos, dos grupos e das comunidades, — e quanto ao aumentado número dos participantes aos dois Capítulos Inspetoriais e ao Capítulo Geral. Mas não se resume tudo apenas nisto.

É de justiça lembrar o ótimo trabalho que se realizou nos dois Capítulos Inspetoriais e nas respectivas Comissões de estudo, em um clima de liberdade, de respeito e de diálogo; e ainda o trabalho inteligente, paciente e generoso até o sacrifício, que foi realizado pelas várias Comissões centrais. Desejo apontar de maneira especial à gratidão comum os ótimos irmãos que na Villa Tuscolana, perto de Roma, por vários meses, infatigavelmente e em clima de salesiana fraternidade, de oração exemplarmente e comunitariamente vivida, se submeteram a uma fadiga verdadeiramente excepcional para conseguir aprontar os documentos-base ou pistas de trabalho, chamemo-los assim, pacientemente elaborados e reelaborados, e que já se encontram em vossas mãos.

A eles, a quantos de qualquer modo deram a própria contribuição nas várias fases da preparação, ao caríssimo Regulador, P. Scrivo, que coordenou todo este imenso trabalho e foi seu animador, nosso sentido muito obrigado, bem como o de toda a Congregação pelo precioso serviço que a ela prestaram.

A sede que nos acolhe

Atendo-nos ainda ao tema da preparação especial, não podemos silenciar a preparação logística e técnica.

Depois que o XIX Capítulo Geral deliberou que a Casa Geral fosse transferida para Roma, nossa preocupação foi de que se criasse também a possibilidade de aí se hospedar o Capítulo Geral. Não era empresa de pouca monta. Provi-

denciar o alojamento de 250 pessoas ou mais, com todos os serviços que isso implica, não é empresa simples.

Encontrou-se a fórmula criando duas obras: a Casa Geral e a Casa para Exercícios Espirituais e Encontros. Fez-se um ato de confiança na Providência e se deu início aos trabalhos!

Em várias ocasiões, vos confesso, tivemos momentos de sérias preocupações, quando surgiam obstáculos e dificuldades imprevistos a um tempestivo acabamento dos ambientes e das instalações que deveriam acolher os Capitulares e permitir o funcionamento de toda a organização do mesmo Capítulo.

Temos que dizer que foi um verdadeiro recorde ter podido conseguir, não obstante os numerosos e grandes imprevistos, que ficassem prontos pelo menos os serviços essenciais nos dois conjuntos: a Casa Geral e a contígua Casa para Exercícios Espirituais e Encontros.

Creio que interpreto o vosso sentimento exprimindo aqui o bem merecido “muito obrigado” ao nosso caríssimo Ecônomo Geral, P. Pilla, que não se deu descanso lutando contra obstáculos de toda espécie para superá-los a todo o custo, e igualmente aos seus imediatos e preciosos colaboradores.

É verdade, não achareis tudo perfeitamente acabado, quer na Casa Geral quer na outra, mas vossa compreensão, vosso espírito de adaptação e de sacrifício saberão suprir a todas as eventuais faltas.

Nossa tarefa fundamental e especial

Dito isto, é muito importante que todos tenhamos consciência plena do mandato que nos confiaram a Igreja e a Congregação.

A tarefa fundamental de cada Capitular é esta: somos aqui chamados como legisladores para toda a Congregação, estamos aqui com o mandato de pesquisar e buscar o bem comum da Congregação no seu conjunto. A cada um de nós incumbe o dever de procurar o bem comum, sabendo para tanto sacrificar interesses particulares.

Tal, a meu ver, é o espírito que deve animar o Capitular Legislador, que sabe possuir um mandato de interesse e de âmbito universal.

Quanto ao escopo que torna verdadeiramente especial este nosso capítulo, vós bem o sabeis qual é: Promover na nossa Congregação uma *renovação adaptada* da vida religiosa. Estas duas palavras implicam em um programa enorme e trazem consigo problemas graves e complexos que somos chamados a estudar e resolver. Basta ler o n.º 3 do *Perfectae Caritatis* para tomar consciência da competência vastíssima, e até universal que se atribui ao Capítulo Geral em matéria de renovação. “O modo de viver, de orar e de agir deve convenientemente adaptar-se às atuais condições físicas e psíquicas dos religiosos; como também, no que diz respeito às exigências da natureza de cada Instituto, às necessidades do apostolado, às exigências da cultura e às circunstâncias sociais e econômicas; e isso em qualquer lugar, mas especialmente nos lugares de missão. Mesmo o modo de governar deve ser submetido a exame segundo os mesmos critérios. Por isso, as Constituições, os diretórios, os livros de usos e costumes, de orações e de cerimônias e outros códigos semelhantes, sejam convenientemente revistos e, uma vez suprimidas as modificações que não são atuais, sejam modificados em base aos documentos emanados por este Concílio” (*Perfectae Caritatis*, 3).

A simples apresentação desta sintética enumeração poderia, como de fato já aconteceu, provocar em alguém

uma certa reação. Muda-se tudo? Mas então, não fica nada de nosso passado?

Convém que tomemos como base de referência o significado radical da palavra renovação, para pôdermos fazer dela uma avaliação que corresponda à realidade.

Renovação supõe a contínua identidade do mesmo sujeito através do processo de renovação: não se trata assim de destruir ou de substituir por outro o sujeito, no caso a Congregação, e nem mesmo se postula uma nova fundação. Não estamos aqui para fazer uma nova Congregação: não teríamos sequer os carismas e muito menos o mandato para fazê-lo. É a mesma e idêntica Congregação que é chamada a se renovar, permanecendo substancialmente aquela que D. Bosco quis que fosse, por inspiração do Céu, e como se desenvolveu no álveo da sã tradição.

Trata-se de uma delicada operação de rejuvenescimento: e justamente por isso, deve realizar-se com extrema atenção e dentro do máximo respeito. Trata-se, com efeito, de afundar o bisturi em um corpo vivo, e, vejam lá, no corpo de quem nos gerou.

Quem se apresta a fazê-lo, deveria estar revestido e possuído pelo espírito carismático de nosso Pai.

Pelo menos preparemo-nos para esta “operação” com uma delicadeza especialmente de humildade e de profundo respeito, com a filial preocupação de interpretar a maneira de pensar de nosso Pai, sem cair na tentação de nos substituímos a Ele.

Havemos de nos mover em terreno seguro apoiando-nos constantemente na Igreja, nossa guia: “*Duce Ecclesia!*”.

Ela nos oferece todos os subsídios que nos facilitam o cumprimento do mandato de legisladores da renovação da Congregação.

Um guia seguro: os ensinamentos do magistério

O primeiro subsídio, que ao mesmo tempo é melhor de que trabalhamos com segurança, o encontramos nos documentos conciliares, post-conciliares, quer dizer, no magistério pontifício e da hierarquia.

Aliás a mesma Igreja ao ordenar a Renovação dos Institutos religiosos indica claramente que ela se deve inspirar no Concílio inteiro, com tudo o que ele compreende e representa de “espírito renovador e também inovador”, segundo as palavras de Paulo VI. Seria supérfluo dizer que entre todos os documentos conciliares e postconciliares daremos primariamente uma constante e especial atenção aos que nos dizem respeito diretamente.

Porém, é claro que não podemos restringir nossa contínua atenção unicamente a estes documentos.

Todo o Concílio, em seus documentos, nos deve estar presente, integrado especialmente pelo Magistério Pontifício que nestes anos, exatamente sobre a Renovação, foi largo de ricos ensinamentos e de contínuas e atualizadas tomadas de posição.

Seria um grave pecado de omissão e um gesto de infidelidade a nosso Pai, tão filialmente atento à palavra do Pontífice Supremo, se viéssemos a ignorar esta palavra autorizada e magisterial.

Com isso não se exclui absolutamente toda a interessante e renovadora literatura que se ocupa — na autêntica linha do Concílio — da renovação da vida religiosa.

Como Capitulares Salesianos, buscaremos um subsídio indispensável na literatura salesiana.

Compreendo que não se pode ter tempo para tudo: contudo, devemos procurar documentar-nos salesianamente

sobre tantos pontos essenciais. Não podemos tomar determinadas posições sobre problemas que são até fundamentais, sem que nos tenhamos assegurado bem da justeza dessas posições.

Tratamos dos negócios de Deus

Chegados a este ponto, parece-me que adquirimos uma consciência ainda mais clara e profunda da natureza de nossa tarefa; de tal concreta tomada de consciência derivam conseqüências que são essenciais para o bom êxito da empresa em que nos empenhamos.

Não tenho presunção de ser vosso mestre, meus caros Capitulares, mas dada a responsabilidade que sinto pesar-me sobre os ombros, qual sucessor de D. Bosco, creio que é meu dever lembrar antes de tudo a mim mesmo, e depois a vos, a palavra do Apóstolo: “Vede com que coisas estais tratando”.

A nossa não é uma assembléia de acionistas de uma indústria, não é uma assembléia política com facções de interesses contrastantes, quer no campo econômico, quer quanto às ambições. Aqui nós somos Igreja, ou melhor, assembléia de homens consagrados, reunidos no nome do Senhor, dedicados totalmente a um ideal sobrenatural: sentimo-nos como homens de fé, cujas preocupações têm suas raízes na fé e cuja atividade, inclusive a que estamos iniciando, é toda iluminada, vivificada e motivada pela fé.

Estamos aqui, de fato, não por interesses de qualquer maneira humanos, mas para os interesses de Deus, do seu Reino, da sua Igreja. Estamos aqui para os interesses das almas, primeiramente das dos nossos irmãos e daqueles que a Providência nos confia: por isso, mesmo quando devêssemos ocupar-nos de assuntos de organização ou de economia,

eles só nos interessam em quanto instrumentos necessários para nossa missão; e as mesmas ciências sociológicas, estatísticas, históricas, filosóficas de que nos servimos, são todas em função da missão a que nos consagramos, que é missão espiritual, sobrenatural. Se sentimos verdadeiramente que estamos aqui para tratar dos “negócios” de Deus, das almas, não teremos dificuldade em nos convencer de que todos os subsídios humanos de que porventura nos servimos (e não são poucos!) teriam muito pouco valor se ao desempenhar nosso mandato não nos colocássemos do lado de Deus; mais claramente, em um plano e em uma visão sobrenatural.

A renovação tem um nome: santidade

Tornam-se agora óbvias e também úteis algumas observações. Em relação ao Capítulo Geral, a palavra “Renovação” ocorre a cada momento. Porém, qualquer plano de renovação, até o mais perfeito, não chegaria a nada de efetivo se não viesse a transformar-se em vida vivida em cada um dos sócios.

Este viver os valores — todos os valores da renovação — tem um nome: *santidade*. Devemos afirmá-lo claramente: como consagrados, nossa vocação específica, profissional, é e será sempre tender à santidade, mais e melhor que os simples batizados; tudo e todos no-lo recordam: A Igreja, o Concílio, o Post-Concílio. Mas já o nosso D. Bosco não se cansava de repeti-lo aos nossos predecessores. Em uma Circular de 9 de junho de 1867, com afirmações decisivas escrevia: “Primeiro escopo de nossa Sociedade é a santificação dos membros. Cada um imprima bem isto na mente e no coração; começando do Superior Geral até o último dos sócios, ninguém é necessário na Sociedade. Deus somente deve ser sua Cabeça, o Patrão absolutamente necessário” (Céria, Epistolário de S. J. Bosco, Carta 559).

Também a base da Congregação manifesta a necessidade e a vontade deste renovamento profundo que tem um só nome: santidade. Ora, devemos perguntar-nos com extrema franqueza — pois é uma nossa responsabilidade primária: — “Como o Salesiano responde hoje a este seu premissório empenho e necessidade? Como, na nova situação e no novo clima que se criaram no mundo em que o Salesiano deve hoje também viver e em favor de cuja salvação deve agir, como pode ser fiel a este empenho? Nossa organização, assim como hoje se encontra e funciona, consegue dar ao salesiano aquela carga sobrenatural de que tem absoluta necessidade? Como chega a produzir e a comunicar a vitalidade autenticamente apostólica que pelo passado galvanizava o Salesiano? Este organismo acusa um certo enfraquecimento?”

É verdade que nas comunidades se constata uma maneira de sentir e de pensar, e conseqüentemente uma maneira de viver burguesa, secularizante, mundana, com um cristianismo “fácil, sem sacrifício, sem deveres, sem renúncias, sem superiores, sem dor”, que se afasta na palavra e na ação dos postulados da vida consagrada e salesiana! Quais são os porquês, todos os porquês desta situação? E então, perguntamo-nos: os meios e os caminhos que a Congregação hoje oferece aos Salesianos para tender à santidade, se demonstram adequados às novas situações? E como são utilizados? É talvez o caso de substituí-los por outros meios e modos eficazes, inspirados sempre em um grande zelo pela santidade e pela perfeição?

Renovação, em estilo salesiano

As mesmas perguntas devem ser feitas no tocante ao apostolado, primeiramente entre os jovens, especialmente pobres, necessitados e abandonados. O S. Padre em sua mensagem ao nosso Capítulo no-lo recorda com sua autoridade.

“Se se pensar — diz ele — na enorme importância que assumiu no mundo o problema dos jovens, se se pensa nos fermentos que permeiam e agitam a juventude, na aparente ineficácia que se atribui aos métodos pedagógicos tradicionais, e na exigência, diversamente sentida e experimentada, de novas técnicas educativas, não se pode deixar de ver como são grandes os problemas que se põem à reflexão... dos Padres Capitulares.”

Os mesmos problemas primordiais e fundamentais são postos com certa variedade de matizes em toda a Congregação, como transparece dos Capítulos Inspetoriais.

Repito, a Congregação deve e quer renovar-se antes de tudo na sua vida religiosa, espiritual e ao mesmo tempo apostólica, e compreendeis que amplidão de valores está contida nestas palavras.

Desejaria, logo em seguida, acrescentar que tais valores devem ser renovados dentro do estilo salesiano, para o salesiano, pensando em seu espírito, em sua missão, em sua natureza, que não é a dos Pequenos Irmãos de Jesus, ou dos Jesuítas, ou do Opus Dei.

Por isto não escondemos a realidade, não fechamos os olhos diante de nossas deficiências, de nossos pontos fracos, e não nos detemos neles a não ser para fazê-los desaparecer.

Da oração à sabedoria

Diante de problemas de tal vulto, aparece evidente toda a importância, antes, a necessidade de que, em clima de Cenáculo, como os Apóstolos, unamos nossos corações na oração.

Avizinhando-se o Capítulo Geral Especial, toda a nossa múltipla família sentiu-se mais intensamente empenhada na oração, compenetrada da necessidade absoluta do auxílio

divino. De todas as partes do mundo foi-me assegurado, e diria documentado, este coro de oração; penso especialmente em tantas almas que ofereceram ao Senhor não apenas sofrimentos muitas vezes muito agudos, mas até a mesma vida.

Por isso hoje, agradecidos por tanta caridade, nos sentimos confortados e cheios de confiança. Mas é evidente que não podemos delegar aos outros a parte de oração que nos toca justamente pelas peculiares responsabilidades que nos esperam.

O filósofo Peter Wust, como remate de toda sua vida, deixava a seus discípulos estas palavras: “Descobri com absoluta certeza a chave, a mágica chave da Sabedoria: ela é a oração”.

Verdadeiramente temos necessidade — neste nosso grande trabalho — da sabedoria que vem de Deus; ainda mais precisamos de possuir sua chave: a oração.

O Senhor disse: “O Pai dará o espírito Santo àqueles que oram”.

E que é o Espírito Santo senão a Sabedoria infinita de Deus?

Assim nos dirigimos a Ele dia por dia para que, enriquecidos por sua Sabedoria possamos julgar retamente, isto é, ver claramente para avaliar sapientemente e então deliberar com retidão.

Temos, além disso, a sorte de viver juntos estes dias extraordinários. Ainda antes que nos trabalhos, achar-nos-emos juntos no encontro comunitário com Deus.

Nossa prece será pois grandemente potenciada, exaltada: é o Senhor que tal nos assegurou.

Mas há ainda algo mais: encontrar-nos-emos cada dia ao redor da Mesa Eucarística. O nosso não será um espetá-

culo mais ou menos sugestivo, não: será o reviver com a mesma fé dos discípulos o mistério da Quinta-Feira Santa. Reunidos com Ele, nEle e por Ele, nutridos com o mesmo alimento e com a mesma bebida, sentir-nos-emos abraçados pela solidariedade de Cristo; depois de ter levado nossos problemas, nossas dúvidas, nossa vida quotidiana à Eucaristia, obteremos dela aquela força e auxílio de que tanto temos necessidade.

Mas nossa oração pessoal e comunitária, a mesma Eucaristia, poderiam ser esvaziadas de seus efeitos divinos, se nos devêssemos apresentar ao Senhor destituídos antes de mais nada daquela humildade que é a condição indispensável que Ele exige para dar sua graça: “Resiste aos soberbos, e dá a graça aos humildes”. É uma lei do Senhor.

A humildade: pressuposto para construir conjuntamente

Já que estamos convencidos desta “lei” da humildade, estejamos bem atentos em defender-nos das emboscadas do nosso “eu”, do amor próprio, sempre pronto a despontar, camuflando-se até sob formas persuasivas e sugestionadoras.

O Pe. Voillaume, falando a cardeais, bispos e ao mesmo Papa, reunidos em Retiro, a propósito da palavra de Jesus: “Se não receberdes o reino de Deus como uma criança, nele não entrareis”, explica que nesta palavra de Jesus está toda a humildade da inteligência e a pobreza do coração. É esta a atitude e o espírito mais próprios para serem levados ao Capítulo por cada um de nós.

O diálogo, é aqui o caso de acenar a ele, tão importante e insubstituível para o estudo eficaz dos problemas, funda-se primeiramente na humildade, e depois no respeito do outro e na confiança. Ele será fecundo se ninguém se apresentar como onisciente e na plena posse da verdade, e não pode consistir em pretender conseguir a rendição incondi-

cional da outra parte. Tal coisa importa em que o espírito esteja benevolmente disposto não somente a ouvir, mas mas também a escutar o outro.

Queria acrescentar ainda uma outra palavra sobre o tema da humildade: junto com a humildade pessoal, levemos ao Capítulo a humildade — como dizer — coletiva ou colegial.

O P. Rua, e me é tão agradável citá-lo enquanto nos aproximamos de sua beatificação, em uma circular do longínquo 29 de janeiro de 1894, assim escrevia aos Salesianos: “É certo que, examinando, por pouco que seja, o atual estado de nossa Pia Sociedade, descobriremos logo muitas imperfeições: assim o permite Deus, para manter-nos na santa humildade”. Não se pode mesmo dizer que o P. Rua seja um triunfalista!

E nós? Deveremos ter a lealdade, a franqueza e a “santa humildade” de reconhecer as deficiências, as infidelidades, as misérias que eventualmente se encontram na Congregação, evitando toda posição preconcebida, e no fundo orgulhosa, de quem não quer reconhecer as realidades menos agradáveis. Isto não será porém um erigir-se em juízes que condenam homens e coisas da Congregação, mas ao contrário, será para todos um exame de consciência provocado pelo amor a Ela, que queremos justamente “sem mancha e sem ruga”.

Os dois polos da nossa fidelidade

Um aspecto, que eu diria consequencial da humildade que deve guiar nosso agir no Capítulo, é a fidelidade. Ela com efeito, supõe um olhar, ou melhor, uma adesão confiante, sem hesitação, decidida a alguém, a alguma coisa de importante: Deus, a Igreja, a Congregação, renunciando tam-

bém a si mesmos, às próprias coisas, à própria maneira de ver.

Nos trabalhos capitulares esta palavra “fidelidade”, como já nos documentos do “iter” preparatório do Capítulo, ocorrerá muitas vezes. Fidelidade, escreveu-se, “é tender à rocha da qual brotamos e contemporaneamente ao porto . . . a qual nos dirigimos”.

A fidelidade consiste, pois, na contínua redescoberta do nexó profundo e inseparável que une estes dois polos: é a penetração, além dos véus obscurecedores da superficialidade, na mesma razão de ser de quanto se aceita e se professa: em poucas palavras, é uma lei da vida. O sentido portanto da fidelidade não se pode confundir com o agarrar-se a quanto é vezeiro e com o imobilismo, mas exige uma atitude constante, consciente de si e vivificada à luz da experiência.

É isto que importa: que cada um de nós se persuada que a fidelidade, em momentos de renovação como o que vivemos e de quem devemos ser os realizadores, é uma atitude em si mesma positiva e dinâmica: não é nem deve ser a passiva aquiescência a algo que se herdou e que entrou em nosso patrimônio, mas antes o cuidado diligente de lidar com ele e de levá-lo a uma expansão máxima. A fidelidade não se relaciona com o imobilismo ciumento, nem sequer com o tímido tradicionalismo, mas se enriquece com a atividade, juntamente com a reflexão e a meditação.

No fundo, a fidelidade é expressão do amor (no nosso caso do amor a D. Bosco e à Congregação) e o amor verdadeiro, inteligente, autêntico, quer que a pessoa e a coisa amada não se transformem em objeto arqueológico, mas, permanecendo sempre a mesma, viva de vida ativa, dinâmica, fecunda.

Devemos ainda convencer-nos de que a fidelidade não está emparentada com um certo progressismo apressado que

quer o novo pelo novo; que na prática, mesmo sem ter consciência disso, tende à subversão, que acredita em qualquer hipótese e a aceita como demonstrável ou demonstrada; que, em nome da abertura, esvazia e laiciza o salesiano, e com ele a sua missão.

Dito isto, reconheço que na prática o assunto é sempre muito delicado, assim como muito delicadas e complexas são as situações concretas a que se devem aplicar estes princípios. Motivo pelo qual devemos proceder com grande sentido de responsabilidade, para evitar os perigos que se apresentam de ambos os lados.

Um só coração na caridade

Caríssimos, iniciando meu discurso, convidei-vos a fazer desta grande e bela família um cenáculo vivo e eficaz. Sinto, porém, que não podemos ser Cenáculo sem aquela que é sua alma: a fervente caridade fraterna.

A celebração eucarística, diligentemente e fecundamente vivida, será certamente a primeira fonte que alimentará nossa fraternidade. Mas tantos outros elementos, espirituais e humanos, contribuirão para manter vivo entre nós o clima de caridade que une os corações na compreensão, no perdão fraterno, na colaboração, na alegria.

Temos um motivo específico, e diria de particular interesse, para nos fazermos construtores de nosso Cenáculo de caridade. Li em um livro que trata da renovação, estas palavras que não esqueci, também porque provêm de uma pessoa de larguíssima experiência de vida religiosa e de Capítulos Gerais: “Não se pode realizar renovação alguma sem a caridade”.

“Renovação, com efeito, significa um amor maior e estruturas melhores para dar impulso a este amor maior”.

Quanto estão longe da verdade os que pensam que por amor das reformas pode ser violada a caridade.

Nós acreditamos, e queremos acreditar no sentido mais amplo, na caridade. Viemos de todos os cantos da terra, pertencemos a tantas culturas diversas e civilizações e costumes. A escala de nossas idades é bastante diferenciada; também idéias e pontos de vista nem sempre poderão coincidir. Tudo isso será superado pela nossa fraternidade. Não por nada dizemos e sentimos que somos filhos do mesmo Pai.

Da integração de nossas forças nasce a conquista da unidade

O fruto mais precioso e desejado desta caridade de Cenáculo será a realização da oração testamento de Cristo “*que sejam um*”, que nas origens da Congregação reassomou aos lábios de nosso Pai.

No longínquo 1869, apenas D. Bosco pôde obter de Roma a suspirada aprovação da Congregação, reuniu aqueles primeiros nossos irmãos e lhes fez uma longa conferência sobre este argumento: “Viver em união (M.B., IX, 571 ss). Neste momento, sinto ser o eco da voz aflita do Pai: Vivamos, trabalhemos com a vontade orientada para a unidade. Vivamos verdadeiramente em comunhão.

Bem o sei, trazemos no coração as inquietações, as tensões, as instâncias, as impaciências, os mil e um aspectos da crise que a Igreja e a Sociedade atravessam e que está presente na Congregação. Como dizia antes, trazemos aqui, por um conjunto de causas, mentalidades, sensibilidades e preocupações freqüentemente muito diversas. Serão as diversidades uma providencial riqueza, se agirem em um plano superior de uma verdadeira e autêntica comunhão.

Ninguém pode pensar em uma unidade preconstituída, e muito menos desejá-la; uma unidade, diria, quase prefabricada, um “unanimismo” artificial e absolutamente infecundo. Aquilo em que pensamos e o que desejamos é uma unidade conquistada, porque sinceramente querida, procurada e mesmo sofrida: digo sofrida e com razão.

O cardeal Doepfner, abrindo os trabalhos do grande Sínodo dos Católicos da Alemanha Federal, os convidava à unidade citando as palavras de S. Paulo aos Efésios: “Sede zelantes no conservar a unidade que dá o Espírito”. Mas fazia notar que pouco antes o Apóstolo convidava os mesmos cristãos a suportarem-se uns aos outros com amor fraterno, melhor, a “aceitar-se uns aos outros”. “Estas palavras — diz o Cardeal — supõem conflitos, divergências de idéias, controvérsias, pontos de atrito”. Acrescentaremos: isso está na natureza mesma das coisas; não seria normal se assim não fosse.

Mas o trabalho e a suportaçãõ mútua na busca da verdade, se é animado por verdadeiro e concreto amor fraterno, e especialmente pelo amor puro e sincero a D. Bosco, à Congregaçãõ, nos farãõ aceitar-nos uns aos outros, e nos farãõ encontrar nos diversos problemas o ponto de chegada, a síntese para a melhor soluçãõ, que será fruto da integraçãõ das diversas e preciosas energias presentes ao Capítulo.

Ao trabalho, com coragem e confiança

Meus caros Capitulares, confio em que me tenhais perdoado a longa metragem de meu discurso. Espero que não tenha sido em detrimento da eficácia das coisas ditas com coração de irmão, no único intento de prestar um serviço que me é de dever para com a Mãe comum, a Congregaçãõ.

E agora, ao trabalho, com coragem e confiança!

Afrontemos os problemas que nos esperam, com espírito livre de todo triunfalismo e de acreditar credulamente que tudo será fácil.

Não devemos nem queremos ter medo de encarar os problemas de cabeça erguida, já o disse, mas nem sequer queremos, diante da mole de problemas que a situação nos impõe, deixar-nos tomar do desalento dos tímidos, ou de um derrotismo pessimista. Nosso Capítulo quer agir partindo de um realismo visto com coragem.

Mas qual tipo de coragem? Aquela que é virtude dos fortes, e portanto dos sábios, porquanto a verdadeira fortaleza não pode estar separada da sabedoria. Esta coragem, portanto, fruto da fortaleza e da sabedoria unidas em feliz simbiose, não se pode confundir com a temeridade inconsiderada de quem corre para... o desconhecido.

Nossa coragem será antes de tudo a coragem dos homens fortes que pensam antes de arriscar-se. Mas será ainda alguma coisa mais.

Sentimos como dirigidas a nós as palavras ditas por Jesus aos Apóstolos: “Não temais, sou eu!”. E Jesus, recordemo-lo, “é o senhor do impossível”, como escreve o Pe. De Foucauld, com aquele domínio das coisas e dos corações que dá, a quantos a Ele se abandonam, o sentido da segurança e da paz em meio às ondas: “Nada te perturbe!”

As razões de nossa confiança

Fiz também um apêlo à confiança, e esta bem fundada. Temos na Congregação forças sadias e numerosas em todas as categorias, níveis, idades, em cada canto da terra. É necessário conhecer a Congregação, em todas as suas componentes, para ter consciência disso.

Desejaria especialmente pôr em evidência o fato de que temos na Congregação uma juventude, é certo, com idéias, exigências, sensibilidade muitas vezes diversas daquelas das gerações anteriores, algumas vezes até vítima da insegurança, de um problematocismo exasperado, de um secularismo que obscurece e cancela o sobrenatural; mas entre esta juventude existem também elementos magníficos debaixo de todo o ponto de vista: vivem generosamente sua consagração, amam sinceramente D. Bosco e a Congregação, embora vejam os defeitos e as ineficiências desta, estão prontos para doar-se até o sacrificio, têm uma piedade sólida, convicta: são as nossas esperanças, o amanhã de nossa Congregação.

Deixai que vos diga ainda mais. A Igreja tem confiança em nossa Congregação, uma confiança que vem de quem a conhece em um plano, podemos dizê-lo, universal, uma confiança que às vezes nos causa medo. Ainda na última audiência que me foi concedida, Paulo VI, com expressões que me confundiam ao pensar em tantas nossas deficiências, quis confirmar esta grande confiança sua e da Igreja na nossa Congregação.

Falando com Superiores Gerais de outras Ordens e Congregações, tenho ocasião de reajustar o julgamento sobre nossa realidade, embora com todas as deficiências que não devemos ignorar nem subestimar. Entre outras coisas, vejo que todos nos debatemos com dificuldades muito semelhantes.

Mas temos ainda motivos de confiança, diria, familiares, de todo especiais. É talvez um fato único: nas origens da Congregação há uma presença do sobrenatural que é sem mais excepcional. Falando da Congregação, de seu nascer, de seu desenvolvimento, D. Bosco dizia textualmente: “Pode-se dizer que não há nada que não tenha sido conhecido antes. Não deu um passo a Congregação sem que algum fato sobrenatural o aconselhasse, não uma mudança, não um aperfeiçoamento.

mento ou um impedimento que não tenha sido precedido de uma ordem do Senhor. Por isso — é ainda D. Bosco que fala — julgo bem que se deixe aqui o homem... Que me importa que deste falem bem ou mal? Que me importa que os homens julguem em uma maneira mais que em outra? Mas é necessário que se manifestem as obras de Deus!” (M.B., XII, pág. 69).

Não pode então causar maravilhas a afirmação impressionante de D. Bosco: “Entre todas as Congregações, talvez a nossa tenha sido a que teve mais palavra de Deus” (M.B., XVI, pag. 305).

Estando assim as coisas, como podemos pensar que no momento em que a Congregação, por vontade da Igreja e portanto do mesmo D. Bosco, é chamada como que a um renascimento, o Senhor a abandone, deixando-lhe faltar aquela presença de inspiração e de guia de que foi tão generoso em suas origens?

Temos todo o direito de contar com a ajuda do Senhor: O nosso auxílio está no nome do Senhor!

“É Maria quem nos guia”

Procuraremos merecer esta ajuda, mas nos será mais fácil obtê-la mediante a Virgem Auxiliadora. Duas figuras são inseparáveis, embora por motivos diversos, na vida e na missão de D. Bosco: o jovem e Nossa Senhora. Na longínqua manhã da Imaculada de 1887, D. Bosco como que voltando-se para olhar o longo e não fácil caminho de sua vida, disse aos Salesianos que comovidos o circundavam: “Caminhamos no caminho certo: não podemos errar. É Maria quem nos guia!” (M.B., XVII, pág. 439). Era uma verdade que D. Bosco repetia habitualmente, confirmada em mil ocasiões e em mil modos: “Maria foi sempre a minha guia!” (M.B., V, pág. 155).

Se o foi para nosso Pai, Maria não quererá ser guia para nós que na fidelidade incondicional a D. Bosco queremos nestes meses trabalhar para que a Congregação saia deste Capítulo “como deve ser”?

Com a confiança ilimitada de nosso Pai em Maria, com o fervor dos Apóstolos no Cenáculo, agrupemo-nos em torno dEla, repetindo-Lhe com o coração filial e humilde: “O’ Maria, fostes a guia segura de nosso Pai ao nascer e ao se desenvolver a nossa Família. Sede também para nós, conscientes de nossa fraqueza e insegurança, a guia segura no caminho que a Providência nos marcou, para levar a nossa amada Congregação àquela verdadeira e fecunda renovação, que seja, para ela um renascer de primavera!”.

APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO GERAL SOBRE O ESTADO DA CONGREGAÇÃO

Meus caros Capitulares:

estou aqui para cumprir um mandato do XIX Capítulo Geral. No art. 31 do Regulamento aprovado pelo dito Capítulo, se lê: “Em uma das sessões iniciais do Capítulo, o Reitor Maior apresentará um relatório geral sobre o estado da Congregação”.

Dada a novidade da coisa, procurei ver qual o modo mais apto para responder à vontade do XIX Capítulo Geral e de interpretá-la. Digo interpretá-la, porque é claro que um relatório sobre “o estado da Congregação” — são estas as únicas palavras do regulamento — na falta de qualquer outra indicação concreta, pode ser apresentado de diversas formas.

Diante desta dificuldade, e com a preocupação de fazer obra útil a todos, julguei bem servir-me da colaboração do Conselho Superior.

A colaboração do Conselho Superior

É oportuno a esta altura ter presente que — como para este relatório, assim para todo outro problema que apresentasse sequer alguma importância — sempre trabalhamos colegialmente, com evidente fruto e vantagem. De fato, cada vez mais estou convencido de que, hoje especialmente, é possível enfrentar utilmente os problemas e resolvê-los

adequadamente somente se se colocarem juntos, em livre e serena e respeitosa confrontação, pontos de vista, avaliações e maneiras diversas de ver as coisas.

Tive sempre ocasião de constatar que tal confronto de idéias e de mentalidades, atuado neste clima de absoluta liberdade e ao mesmo tempo de mútuo respeito e estima, leva sempre àquela síntese conclusiva que representa o melhor a que pode chegar quem tem a última responsabilidade, de decisão, depois de ter pesado todos os prós e os contras.

A este método, que aliás é substancialmente indicado e recomendado quer pelo Vaticano II, quer pelo mesmo XIX Capítulo Geral, procurei ater-me à cordial e construtiva colaboração de todos os membros do Conselho.

E creio ser aqui meu preciso e grato dever, diante desta solene assembléia, dar ciência desta fecunda obra desenvolvida junto a mim pelos membros do Conselho Superior.

Parece-me poder dizer que sempre trabalhamos com unidade de intenção para servir à Congregação em seus verdadeiros interesses, e em particular para realizar as deliberações vivificadoras emanadas pelo XIX Capítulo Geral e inserir e fazer circular na Congregação o espírito renovador que dele proveio.

Este empenho, que tereis ocasião de constatar também através da leitura deste relatório, iniciado e levado adiante com tanto entusiasmo depois do Capítulo, logo deparou-se com dificuldades de vários gêneros. Uma é a seguinte: enquanto se iniciava a realização das deliberações do XIX Capítulo Geral, avançava já aquele que foi chamado por alguém “o vento do pós-concílio”.

Assim a Congregação veio a encontrar-se, por assim dizer, no vértice do ciclone justamente no momento em que se punha em marcha a máquina destinada a tornar operante

o XIX Capítulo Geral que tinha recebido em suas deliberações não poucos valores conciliares.

Esta coincidência, convém tê-lo bem presente, teve repercussões e conseqüências bem relevantes, agravadas pelo fato que contemporaneamente tivemos que mobilizar e endereçar nossas forças por bem três anos para a preparação do Capítulo Geral Especial prescrito pelo *Ecclesiae Sanctae*.

Certamente foi um bem, um grande bem, além de ser um dever para com a Igreja e a Congregação, mas não se pode negar que não poucas deliberações e orientações do XIX Capítulo Geral, por força dos acontecimentos, não puderam ser levadas adiante.

Características do relatório

Tornando ao relatório que está sendo apresentado à vossa atenção, como acenava acima, ele é um fruto do trabalho conjunto de todos os membros do Conselho, que antes trouxeram sugestões e idéias para seu enquadramento, e depois, cada um no âmbito de suas competências, todos os elementos de informação de primeira mão de que dispunham em relação aos vários argumentos a serem tratados.

Em um segundo tempo, o relatório foi ainda examinado e discutido colegialmente e depois reelaborado e — por assim dizer — harmonizado pelo Reitor Maior levando em consideração as observações recebidas.

Não obstante este trabalho. o relatório não pode ter a pretensão de ser... perfeito e exauriente. Sem falar da dificuldade e da incerteza que derivam do fato de que é a primeira vez que se faz um semelhante documento, deve-se dizer que nos encontramos diante de dificuldades não leves, de índole diversa.

Eis uma delas. A Congregação é uma realidade viva e composta, com diferença de situações muitas vezes notável: donde a dificuldade de apresentar um relatório que, sem perder-se em análises particularizadas, dê ao mesmo tempo uma imagem fiel da realidade do todo da Congregação.

Parece, porém, que malgrado as suas faltas e os seus limites, a atual relação não é apenas um ato de “OBEDIÊNCIA” ao XIX Capítulo Geral, mas oferece a nós e à Congregação, uma certa radiografia dela mesma.

Os Capítulos Inspetoriais tiveram uma “radiografia” do que pensava a Congregação.

Dentro de seus limites, o presente relatório pode ser chamado de uma radiografia de quanto a Congregação de fato realiza e de como atua nos setores fundamentais de sua vida.

Falei de radiografia: talvez a palavra não seja exata; não se trata nem sequer de “fotografia panorâmica” da Congregação. A fotografia é essencialmente estática, apanha um momento de uma realidade. O relatório que se oferece à vossa atenta leitura é ao contrário — compreenda-se a palavra — dinâmico.

Não se preocupa tanto em “fixar” o estado da Congregação hoje, quanto em fazer ver realmente — em perspectiva dinâmica — como se chegou ao estado atual através da evolução destes seis anos.

Além de ser uma apresentação dinâmica, é também — pelo menos relativamente — sintética. As suas cem páginas, porém, como podeis constatar, justamente porque sintéticas, são densas e integradas por estatísticas reunidas em fascículos próprios. Lidas e interpretadas retamente, elas servem para dar uma visão panorâmica, atual e documentada da Congregação em todos os aspectos essenciais de sua vida.

Aspectos particulares e detalhados da vida da Congregação serão ilustrados e, quando ocorra, desenvolvidos na medida em que o Capítulo passar a tratar de cada um dos argumentos específicos.

Para concluir este prefácio que me pareceu necessário, penso e espero que o relatório que o Reitor Maior vos apresenta em nome do Conselho, entre outras coisas vos facilitará o trabalho, enquanto vos oferecerá uma visão não apenas setorial da vida da Congregação, mas geral ou pelo menos muito ampla — mesmo se não de todo completa — e ao mesmo tempo, dentro dos limites do possível, atual.

Podereis assim ter consciência do hùmus sobre o qual deveis semear, das situações vivas e reais das quais vos deveis interessar, do clima em que deverão ser recebidas as nossas deliberações.

O salesiano como centro do interesse da Congregação

O relatório tem um enquadramento, e conseqüentemente segue um fio condutor que corresponde à riqueza de orientação provinda do XIX Capítulo Geral.

Que o Salesiano esteja no centro do interesse da Congregação, foi sem dúvida uma das diretrizes mais significativas e empenhativas que aquele Capítulo nos deu.

Ao colocar o salesiano como centro, evidentemente queria fazê-lo mais salesiano, em uma maneira ainda melhor; tinha em mira promovê-lo em sua inteireza e totalidade, como homem e como batizado, como consagrado e como apóstolo, especificamente dedicado a continuar a missão de D. Bosco, no seu espírito e com o seu estilo.

A Congregação, com efeito, não são as obras, mas os Salesianos, e a Congregação é ativa e fecunda enquanto cada

salesiano corresponde à imagem ideal que a Igreja e a Sociedade mesma têm dele.

Tal diretriz responde a instâncias profundas, sentidas e muito válidas na Congregação; se é verdade que encontrou correspondência e foi desenvolvida, não se pode dizer, porém, que o obteve na medida e nos modos em que se esperava.

Não é o momento para fazer um diagnóstico aprofundado e particularizado das causas disso, na verdade assás complexas e conexas também com situações estranhas à Congregação, que podem ter limitado a atuação irradiadora e capilar desta orientação vital: o Salesiano como centro do interesse da Congregação. O que, no entanto se pode dizer, com humildade e serena sinceridade, é que muito se fez neste sentido.

Embora não transpareça do relatório com clara evidência, de fato ele acompanha e apresenta os aspectos e os momentos da vida do Salesiano, que é vida de consagração, de oração, de convivência fraterna e operante, de apostolado.

Os momentos da formação

O Salesiano como tal não nasce adulto, formado. Eis então todas as fases deste desenvolvimento, do nascimento ao coroamento do período estritamente dito de formação, com todos os elementos que tal período implica.

Mas se é verdade que existe um período especificamente dedicado à formação, não é menos verdade que também depois de tal período permanece para todos a necessidade e portanto o empenho daquela que hoje se chama “formação permanente”. A experiência do chamado segundo noviciado, realizado em Caracas com uns trinta sacerdotes, demonstra toda a vital importância desta “formação permanente”.

O relatório toca todos estes momentos e aspectos da formação que interessam a vida e o amanhã da Congregação, à luz da realidade destes anos certamente não fáceis que, por um conjunto de motivos de natureza vária e de todos bem conhecidos, puseram a Congregação, e em particular os responsáveis pela formação em todos os estágios, diante de problemas novos e complexos, sem pausa e sempre com maior rapidez.

O fenômeno, presente embora com diversas e até notáveis graduações em todo o nosso mundo, tem matizes mais sombrios e às vezes até graves em certas zonas: a relação procura dar uma visão o mais possível realista da situação. É necessário, porém, ter presente, como já dissemos, a diversidade de situações, freqüentemente notável, que se encontra na Congregação.

A meu parecer, em tema de formação, à luz da experiência nossa e de outrem, especialmente nestes últimos anos, será necessário rever todo o conteúdo do processo formativo que vai desde que se manifesta pela primeira vez a vocação do Salesiano, até que se alcance a meta essencial, em seu contínuo alimentar-se e renovar-se.

Os eventuais erros do passado, mesmo mais recentes, nos deverão servir para corrigi-los com a necessária coragem, não alheia a um são realismo, para experimentar mesmo caminhos novos, que levem o Salesiano do nosso tempo a viver uma vocação autêntica, convicta, robusta, específica e fecunda.

Ainda a propósito de formação, encontrareis no relatório, tratados em separado, os problemas do PAS.

Da leitura daquelas páginas vos capacitareis de que sem mais se trata de um argumento de particular importância. O Capítulo que representa toda a Congregação, não apenas tomará com responsabilidade conhecimento dele, mas deverá

estudar, pelo menos nas grandes linhas, as soluções dos problemas que se põem; de modo particular, parece-me que a máxima assembléa da Congregação, à luz da experiência, deverá responsabilmente indicar o que a Congregação espera e exige do PAS, que diretrizes entende dar, para que aos sacrifícios, até graves que a Congregação suporta para a vida do PAS, correspondam frutos adequados não somente intelectuais e culturais, mas ao mesmo tempo apostólicos e salesianamente válidos.

A crise das vocações

Um argumento que no relatório encontrareis tratado até com certa abundância de dados, é o doloroso assunto da crise das vocações. O tema não diz respeito unicamente à diminuição do afluxo de novas vocações, de que também se fala, mas também ao triste fenômeno daqueles que deixam a Congregação nos vários momentos do nosso currículo de vida.

É sempre penoso ver irmãos que nos deixam, mas o é muito mais quando se trata de irmãos já adiantados nos anos, ligados definitivamente à Congregação, e alguns até ungidos pelo crisma sacerdotal. Todos sabemos que se trata de um fenômeno que aflige toda a Igreja e as Ordens e Congregações religiosas masculinas e femininas.

O que talvez nem todos sabem é que a nossa Congregação, embora nos últimos três anos tenha sofrido o índice mais sensível de perdas, todavia na escala estatística das grandes Congregações masculinas, pelo menos como resulta dos dados que nos chegaram às mãos, tem uma das percentuais mais baixas de perdas.

Um elemento que influi notavelmente para determinar esta nossa situação é o fato de que o número global de

neo-professos, embora tendo diminuído com relação aos anos que poderíamos chamar do “boom” das vocações, todavia se mantém ainda em um nível que compensa em discreta proporção as perdas devidas às saídas da Congregação.

Mas é claro que esta constatação não nos pode absolutamente levar a fechar os olhos diante da realidade grave que ameaça algumas Inspetorias e toda a Congregação. De modo especial não podemos absolutamente calar e subestimar o fenômeno da hemorragia até grave, e algumas vezes quase crônica, de que sofrem algumas Inspetorias, concomitantemente com aquele, que lhe é subsequente, do envelhecimento do pessoal e da sua pouca adequação às responsabilidades precedentemente assumidas.

O problema, antes, a série de problemas que impõe a crise das vocações, não é simples, nem fácil, e está estritamente unido com outros problemas, dos quais alguns poderiam parecer alheios a ele, a um observador superficial.

Como consta do relatório, deram-se passos no sentido de enfrentar nos diversos níveis o problema como se *apresenta hoje*, porém, parece-me poder dizer que há ainda muito caminho a percorrer, e um caminho áspero e difícil.

Temos que armar-nos de tanta humildade para nos examinarmos realisticamente e ver com clareza, enquanto de nós depende, as causas que determinaram e determinam ainda esta hemorragia, para enfrentar decisivamente, nos justos termos e nos modos mais oportunos, todo o problema e em todas as suas componentes.

O Capítulo Geral Especial em cujas mãos está, podemos dizer, a vida e o futuro da Congregação, ocupar-se-á a fundo do problema das vocações, de sua crise e de todos os fenômenos com ela conexos.

A contribuição de homens tão qualificados, provenientes de lugares os mais diversos, ricos das mais variadas experiên-

cias e especialmente animados de amor sincero e concreto a D. Bosco que vive e se perpetua na Igreja através da Congregação, será precioso para reanimar na Congregação aquela dúplice e fecunda vitalidade espiritual e apostólica que, enquanto de uma parte atenua as perdas dolorosas, da outra atrai a juventude de nosso tempo e se faz digna de crédito ante ela.

Os salesianos coadjutores

A propósito do “Salesiano” e das vocações, e das relativas crises, o relatório — com razão — demora-se em ilustrar a situação dos nossos mui caros irmãos os salesianos coadjutores, encarada em seus diversos aspectos e momentos. Digo logo que temos na Congregação, um pouco em todos os continentes, tantos salesianos coadjutores magníficos, não apenas de idade madura, mas também jovens que, debaixo de todo o aspecto, são exemplares: generosamente trabalhadores, freqüentemente verdadeiramente sacrificados; muitos até dotados de uma preparação cultural e técnica que os levou a desempenhar-se brilhantemente em tarefas nem sempre fáceis: e sua presença nas estruturas de governo e na ação educativa se demonstrou muito positiva.

Mas o que me parece obrigatório colocar aqui em evidência é sua vida religiosa e salesiana vivida conscientemente e freqüentemente com coerência cheia de sofrimento, porque nem sempre tiveram a respeito, aqueles auxílios diretos e indiretos que teriam direito de esperar.

Feita esta constatação, que é de dever, cabe-me acrescentar que infelizmente às perdas se acrescenta o fato assás grave da falta de vocações para coadjutores, a ponto de em numerosas Inspetorias virem a faltar, e não de agora, coadjutores, quer no noviciado, quer nos anos seguintes. Este vazio não nos pode deixar indiferentes. Reconhecendo embora

que as causas mais diversas concorreram e concorrem para sua existência, parece-me que há causas que dependem também de nós. O Capítulo — à luz da realidade da situação — não deixará certamente de identificá-las para encontrar os meios e os modos mais aptos para eliminá-las ou ao menos diminuí-las.

Na Congregação, a presença do Salesiano Coadjutor, com as inconfundíveis características que o distinguem perfeitamente do irmão leigo das outras Congregações (realidade que nem sempre e nem em todos os lugares se compreende), é alguma coisa de essencial. Como disse em outras ocasiões, a Congregação, a meu ver, não seria a que D. Bosco concebeu e quis, se por hipótese absurda viesse a ser privada em seu amanhã da componente, que não é acidental, do Salesiano Coadjutor.

Por isso tal argumento será certamente aprofundado nesta sede, olhando a D. Bosco e a toda a constante linha de ação que seus sucessores desenvolveram, e ao mesmo tempo, olhando à renovada valorização dada pelo Concílio Vaticano II aos leigos na Igreja e na vida religiosa e às perspectivas vivificantes que de aí derivam.

A ação salesiana e a juventude pobre

O Salesiano — quer como pessoa, quer como elemento vivo da comunidade em nível local, inspetorial e de Congregação — para viver sua peculiar vocação deve ser um realizador da missão que a Providência confiou à Congregação. Salesiano e missão do salesiano são dois elementos que se exigem mutuamente.

Eis pois a segunda parte da relação que o Conselho vos apresenta: a ação salesiana. Sem descer a particulares, encontrareis ilustrados com os critérios de que falei acima,

os setores em que se desenvolve e se articula o nosso apostolado no mundo.

É supérfluo recordar que tal apostolado, enquanto tem uma área claramente preferencial na juventude especialmente pobre e necessitada, desenvolve-se também em verdade, desde as origens, dentro de um certo pluralismo.

A propósito de apostolado entre a juventude pobre, de obras de assistência e promoção social, para ter e oferecer um conhecimento o mais possível completo e atualizado, pedimos a todas as Inspetorias uma última fadiga nesta laboriosa preparação do Capítulo Geral.

Mais que um árido e insípido elenco, pedimos um relatório que apresente e descreva objetivamente os aspectos e as implicações de todas as atividades que comunidades, grupos ou até simples irmãos, desenvolvem nas formas mais variadas a serviço dos pobres, especialmente dos jovens.

Desejo agradecer aqui aos irmãos que nas respectivas Inspetorias se sujeitaram ao trabalho de recolher sistematicamente todo o material informativo pedido. E neste momento creio interpretar o sentimento unânime da assembléa exprimindo a gratidão da Congregação a milhares de irmãos que debaixo de todos os céus, nas formas mais diversas e ousadas, com sentido de total dedicação, sempre revestida de humildade e de simplicidade, esquivada de qualquer busca de reconhecimento ou de publicidade, olham sempre para Cristo e para D. Bosco; são os bons samaritanos de tantos pobres irmãos necessitados.

Pouco tempo faz, Paulo VI, falando-me dos nossos irmãos que trabalham — pobres entre os pobres — na imensa e mísera favela de Tondo (Manila), que Ele visitara, repetia-me com acentos de profunda e convicta comoção: “São heróis! são heróis!”.

Como os irmãos de Tondo, muitíssimos outros merecem este elogio. Com efeito, graças a Deus, os irmãos de Tondo não são os únicos na Congregação a trabalhar com espírito de sacrifício, revestidos daquela alegria que lhes vem da fé. Com o enérgico impulso que virá do Capítulo, esperamos que o seu número cresça, e com o número, aquele espírito de caridade sobrenatural que é o único eficaz propulsor capaz de induzir a estas atividades generosas e salesianas.

Voltando à documentação das atividades em benefício dos pobres, penso que nela os Capitulares encontrarão material suficiente para capacitar-se da real posição da Congregação em um campo tão próprio da Congregação e ao qual hoje, na Igreja e em nosso ambiente, com razão se é particularmente sensível, especialmente por parte dos jovens. Esta documentação estará à disposição dos Capitulares em sua forma original como nos chegou às mãos de cada uma das Inspetorias.

Na documentação, facilmente se encontrarão notáveis sombras, ao lado das muitas e louváveis luzes, bem como opacidades e formas que traduzem uma sensibilidade atenuada e talvez até em certos casos necrotizada. Obra do Capítulo será evidentemente a de encontrar formas novas para dar, onde ocorra, renovado e corajoso impulso ao trabalho a serviço da juventude pobre no sulco e no espírito de nosso Pai.

Os centros juvenis

A propósito mesmo deste nosso insubstituível apostolado que é antes de mais nada e prevalentemente dirigido aos jovens, creio oportuno, referindo-me à relação sobre o estado da Congregação, sublinhar dois fatos que me parecem bastante indicativos e que interferem um no outro.

Em 1967, o Reitor Maior tinha lançado a iniciativa da criação de um centro juvenil em cada Inspeção, transformando alguma obra preexistente, com o escopo de poder apresentar em cada Inspeção uma obra que, na fidelidade substancial à idéia do Oratório de D. Bosco, a renovasse, adaptando-a com coragem ao nosso tempo, e colocando-a a serviço dos jovens de hoje, com atividades que correspondessem às verdadeiras e variadas exigências dos tempos.

Tal convite, é claro, importava antes de mais nada em um esforço e em um empenho para procurar caminhos novos e que correspondessem às necessidades de hoje.

Em homenagem à verdade, e com toda a sinceridade, devo dizer que o convite não consta tenha tido muita sorte: alguma coisa se fez, e me é bem grato expressar o merecido reconhecimento, mas se deve também reconhecer que foi bem pouca coisa, quando não se tratou de aplicar uma etiqueta que em algum modo “canonizasse” iniciativas bem diversas de um verdadeiro Centro Juvenil.

O fato, a meu ver, vai acentuado não tanto por aquilo que pode ser em si mesmo, quanto pelos motivos e pelas situações que ele subtende e pela sua estreitíssima relação com o outro fato de dimensões e gravidade mais vastas, de que se ocupa a relação ao Capítulo Geral e sobre o qual desejo chamar vossa particular atenção.

O “redimensionamento” e os seus reflexos

Em atenção a quanto fora deliberado pelo XIX Capítulo Geral, o Reitor Maior com o seu Conselho, depois de um longo e aprofundado estudo de preparação, convidou a Congregação em todos os seus membros, através dos vários órgãos de governo, a colaborar para a realização daquela vasta, complexa e vital operação que tinha por título:

“REDIMENSIONAMENTO” das obras. Embora imperfeito, era no entanto a primeira tentativa — dir-se-ia “*ante litteram*” — de interessar todos os membros da Congregação pelos problemas da mesma.

Os resultados desta “operação” quais foram? Temos que reconhecê-lo sinceramente: não foram verdadeiramente brilhantes. Por outro lado, as muitas cousas do êxito pouco feliz, à luz de um exame sereno e aprofundado, podem ser reduzidas a uma só.

E devemos aqui dizê-lo com toda a humildade: não se estava preparado, nas várias componentes da Congregação, nem psicologicamente, nem tecnicamente para enfrentar com a necessária clareza e com a não menos necessária coragem a soma dos problemas que o “redimensionamento” impunha, nem tampouco para conhecer concretamente tantos valores e interesses espirituais, apostólicos e formativos que ele queria não apenas defender, mas também potenciar, tendo em vista a realidade em que a Congregação vive e as perspectivas que inexoravelmente terá que enfrentar em futuro próximo. Não se tratava, com efeito, só de fechar algumas obras, mas de estudar todo um plano operativo realista, longividente e a longo prazo, do qual a redução das obras era somente uma parte, ou melhor, um ponto de partida.

Mas como disse acima, não estávamos então suficientemente preparados e amadurecidos para uma operação de tais proporções.

Todavia, devo dizer que estes últimos anos registraram neste ponto uma positiva evolução em nosso mundo; uma prova evidente disto a encontramos no fato de que em não poucas Inspetorias a operação do “redimensionamento” foi novamente retomada, e muitas vezes até em capítulos Inspetoriais e, com critérios decisivamente diversos daqueles de um tempo, que eram um tanto negativos, sinal evidente de

que as idéias justas, embora lentamente, caminham e acabam por penetrar e encontrar acolhida nas almas abertas à verdade e ao verdadeiro bem.

Seja como for, o “redimensionamento” trouxe algum fruto: o bloqueio quase total de obras novas... mas quanta fadiga para resistir às pressões...!

A falta de um pronto êxito do “Redimensionamento”, pelos motivos acenados, parece-me um apelo ao realismo: ao formular planos de trabalho, deve-se sempre ter em conta o terreno em que se deve pisar, e antes de mais nada os homens que devem saber e poder realizá-los.

O problema dos dirigentes

Com o “redimensionamento” estava intimamente conexo o problema dos Dirigentes em todos os níveis da Congregação. Tal problema, convém dizê-lo logo, é sentido também fora da Congregação, na Igreja e na sociedade civil e em setores particularmente importantes: política, indústria, economia, sindicatos etc., e isso por causas complexas que não é aqui o caso de elencar.

Examinando nosso ambiente, todos constatamos cada dia as dificuldades para encontrar dirigentes que respondam às exigências de hoje nas comunidades e nos obras. As dificuldades são agravadas antes de mais nada pelo grande número de postos de chefia a cobrir: faço notar que não são apenas os Inspetores e os Diretores que têm tarefas de direção. Pensai, por exemplo, nos Vigários Inspetoriais para não falar dos Vigários locais —, nos Párocos (quase 700 paróquias!), nos Diretores Escolares, nos Ecónomos Inspetoriais, nos Mestres de Noviços, nos Diretores de Oratório etc.

Um cálculo bastante aproximado leva à conclusão de que em cada 2 ou 3 sacerdotes salesianos seria necessário poder

dispor de um Dirigente. Isto pode explicar tantas situações, digamo-lo mesmo, tantas deficiências nos mais variados setores da nossa vida, do religioso ao pastoral, do organizativo ao administrativo. É verdade, começou-se a dar uma certa preparação específica aos novos Inspectores, aqui e acolá já desde alguns anos se organizam cursos para novos Diretores e para outros responsáveis de setores particulares. Muito bem: mas tudo isso não resolve o problema, que é tão vasto e tem incidências não certamente positivas na vida da Congregação.

Ao problema da falta de pessoal dirigente, de per si já tão grave, se unem outras situações provenientes, ao menos em notável proporção, da mesma matriz: a desproporção entre pessoal e empenhos de atividades. Mais claramente, como repetidamente se observou, houve um desenvolvimento em sentido quantitativo: quero dizer, multiplicaram-se as obras, às vezes até concomitantemente à baixa evidente de vocações, com conseqüências que não é difícil constatar.

Parece-me que, também pela hemorragia que aflige nestes momentos a Congregação, será necessário restringir as frentes, com extrema coragem, estudando bem nossas opções. Somente assim a Congregação poderá realizar o seu vital e inadiável desenvolvimento qualitativo em profundidade, isto é, poderá cuidar da qualificação antes de mais nada espiritual-teológico-pastoral, hoje mais que necessária — e ao mesmo tempo a qualificação cultural-profissional-técnica dos irmãos.

Penso, por exemplo, na necessidade que temos de irmãos preparados em Teologia Espiritual, em Catequese, em Liturgia: penso em como é necessário preparar indivíduos nos vários setores da Comunicação Social, a começar pela Imprensa.

É verdade que cá e lá já se aperceberam desta grave necessidade e se movem, mas não basta: é necessário — a

meu ver — uma ação da Congregação que corresponda a planos concretos e feitos com critérios realísticos.

Faço votos de que os Capitulares, retomando as preocupações de que já foi tomado o XIX Capítulo Geral, dêem à Congregação aquelas diretrizes claras e precisas que sejam aptas para atender a estas duas exigências vitais: a qualificação dos Salesianos, especialmente para as casas de formação, e ao mesmo tempo, a preparação do pessoal dirigente de acordo com as necessidades de hoje.

As Missões

Uma palavra sobre o tema das Missões.

Ao apelo do Reitor Maior em prol da América Latina responderam cada ano um bom número de sacerdotes: o equilíbrio de forças nas Inspetorias de origem nem sempre consentiu receber muitos pedidos, mas os que pudemos mandar, levaram um válido auxílio aos numerosos lugares de missão ou de quase missão que deles tinham grande e urgente necessidade. Permanecem abertos vários e graves problemas.

Enquanto a Ásia, de modo especial a Índia, em seu conjunto se move no sentido de uma certa autoalimentação de vocações autóctones, a África encontra-se em dificuldades a este respeito, e penso que o Capítulo — tratando das Missões — dirigirá sua atenção a este enorme continente que oferece um campo não somente vasto, mas aberto à evangelização. Problema grave — mesmo pelas responsabilidades que nos advêm quer de motivos históricos, quer de nossa natabilíssima presença naquele continente — é o da América Latina.

Paulo VI, na audiência a que já me referi, dizia-me textualmente: “Ajudai-nos a salvar a América Latina!”. Sentimos toda a aflição deste apelo paterno e o empenho que

surge de aí em nossos corações. D. Bosco não teria certamente ficado insensível; mas não podemos esconder a nós mesmos a descida sensível e contante de nossas forças na América Latina, a despeito da contribuição da Europa. O Capítulo se há de ocupar deste grande e difícil problema, mas penso que dada a mesma dificuldade do assunto, nos deveremos empenhar em encontrar alhures soluções adequadas: uma delas, a meu ver, deve buscar-se na preparação de leigos, indicados para as nossas obras, para ter colaboradores nossos conscientes e válidos nos diversos setores de nosso apostolado.

Infelizmente até agora pouco se fez entre nós para valorizar a preciosa contribuição dos leigos.

Temos apenas iniciado aqui em Roma alguma coisa, justamente para preparar seriamente leigos que colaborem conosco nos países que disso têm necessidade, mas faço votos de que não somente na Europa, mas também nos mesmos países da América Latina e de outros continentes, depois do Capítulo Geral, nos empenhemos seriamente em promover semelhantes iniciativas, utilizando a experiência que nos precedeu. Disto decorrerá uma dupla vantagem: para quem receber a ajuda destes leigos, mas não menos para os mesmos leigos, que disso tirarão não pequeno enriquecimento espiritual, apostólico e salesiano.

A solidariedade fraterna

Não posso esquecer ao menos um aceno à “solidariedade fraterna”. A iniciativa como repetidas vezes se escreveu e se disse, tem por fim romper certas barreiras psicológicas e desenvolver uma sensibilidade comunitária e ao mesmo tempo missionária que se exprima com fatos concretos. Remotamente se refere ao *Perfectae Caritatis*, antes, à idéia conciliar. A ajuda econômica que de aí adveio para muitas

de nossas obras que estavam em grandes dificuldades, foi certamente um fruto tangível da iniciativa. E volto aqui a agradecer às Inspetorias, às comunidades e aos irmãos que, compenetrados do significado e do escopo da iniciativa, quiseram — até com notáveis sacrifícios — vir ao encontro das necessidades dos irmãos e das obras que precisavam. Mas a solidariedade não pode e não quererá ater-se só ao aspecto econômico, ainda que apreciável. A solidariedade, como aliás se começa a constatar, deverá alargar-se a campos e setores muito empenhativos que serão fecundos para quem dá e para quem recebe. Será o sinal e o fruto daquela caridade que está na base de toda a renovação: na Igreja e na Congregação.

Seguindo a orientação do *Perfectae Caritatis*, com o fruto da solidariedade pudemos levar nosso fraterno auxílio também para fora da Congregação, a dioceses do Vietnã, a Bispos do Paquistão e da Índia, a obras sociais diversas no Brasil.

Apostolados sociais

Da leitura da relação sobre os apostolados sociais, se há de ver claramente o caminho feito e quanto ainda está por ser feito, e quanto espaço resta ainda aberto à nossa atividade com os Cooperadores, e tal coisa quer pelas orientações que o Concílio dá no tocante ao apostolado dos leigos, quer pelo potencial preciosíssimo de múltipla colaboração consciente e qualificada que podemos encontrar em nossos leigos e de que temos sempre mais evidente e grave necessidade.

É este, segundo o meu parecer, um ponto entre os mais vivos e interessantes, conexos com a grande idéia de D. Bosco, que o Capítulo quererá aprofundar para tirar dela profundas e claras conclusões.

Quanto aos Ex-alunos, obtiveram-se progressos em diversas partes da Congregação quanto ao organizá-los e assisti-los, mas será necessário desenvolver ainda nossa sensibilidade para este assunto em todos os níveis de responsabilidade: o cuidado dos Ex-alunos não é uma atividade supérflua cujas sortes estejam ligadas ao modo de ver de um ou de outro, mas o natural e necessário complemento de nossa educação que custou anos e anos de trabalho sacrificado de tantos salesianos. É ela assim uma responsabilidade que deve assumir a Comunidade embora seja necessário que fiquem disso encarregadas determinadas pessoas.

Seja como for, o descuidar esta atividade cria um vazio e um dano, como se existisse uma mutilação na nossa inteira obra educativa.

Também no tocante aos Instrumentos de Comunicação Social podeis constatar que se procura dar passos concretos, tendo presentes as normas e orientações do Concílio e da Hierarquia. Deve-se notar que este setor do apostolado faz parte dos fins específicos de nossa Missão na Igreja. O problema mais grave e — digamo-lo também, que não encontrou ainda uma solução decidida — é o das pessoas, preparadas para esta forma de apostolado hoje mais que atual debaixo de todo o ponto de vista. Também aqui nos devemos referir ao “redimensionamento” das obras, à sua hierarquização e à conseqüente qualificação dos irmãos.

Governo e estruturas

Passemos agora ao GOVERNO e às ESTRUTURAS da Congregação, como hoje se costuma dizer.

No relatório, se bem que sem abundância de detalhes, encontra-se suficientemente descrito o trabalho, e digamos que não foi de pouca monta, que se pôde realizar nestes

anos em todos os níveis, e mais ainda, a evolução que foi amadurecendo e traduzindo-se em um novo estilo e em novos critérios de governo, evolução que parecerá tanto mais notável, quando se confronte com a praxe e a mentalidade existentes ainda poucos anos atrás, quando se começaram a praticar as deliberações do XIX Capítulo Geral que tinham encontrado autorizada confirmação no Vaticano II.

Um conjunto de idéias serviu de base a todo este trabalho, que do centro se irradiou capilar e frutuosamente na Congregação. São elas: corresponsabilidade, interesse em comum, participação, informação, diálogo.

A estas idéias correspondem muitíssimos encontros do Reitor Maior com Inspetores, Conselhos Inspetoriais, Diretores, Irmãos, especialmente se responsáveis de particulares setores (p. ex., casas de formação) nos vários continentes, e numerosos encontros de outros Superiores quer ocupando cargos no Centro da Congregação, quer sendo Superiores Regionais, com as Conferências Inspetoriais e com outros grupos de Irmãos. Foi observado que nunca como nestes anos houve um contacto tão freqüente e tão intenso entre o Centro e a periferia.

A observação corresponde à verdade: acrescentarei que estes encontros em clima de fraterna compreensão, no intento de inteirar-se dos problemas em conjunto e em seu lugar, são — se bem preparados e programados — um instrumento muito eficaz para um governo que quer obter não tanto a execução de deliberações impostas de qualquer forma por quem está no alto e longe, mas a busca das soluções mais oportunas à luz da realidade dos lugares e dos tempos, e colocando em comum e em contato os frutos das várias experiências.

Como um aspecto muito positivo desta colaboração e corresponsabilidade resultou a consulta dos irmãos em

relação à nomeação para cargos de particular responsabilidade.

Na grande maioria dos casos constatou-se prudência e maturidade nos julgamentos, e conseqüentemente indicações bem acertadas e felizes. A experiência, que se demonstrou bastante positiva em seu conjunto, como tantas outras experiências, será bem definida e aperfeiçoada pelo Capítulo Geral. Mas parece-me poder afirmar sem mais que estamos no caminho certo.

A economia

E chegamos ao último ponto da relação: a economia.

Vindo logo ao concreto, neste delicado setor a ação do Ecônomo Geral, em contínuo contato com o Reitor Maior e com o Conselho, desenvolveu-se nas duas direções indicadas pelas Constituições: guiar e servir às Inspetorias, administrar bens que não pertencem a nenhuma Inspetoria e cuidador das atividades próprias da Direção Geral.

O relatório vos apresenta amplamente quanto se fez para dar às administrações quer inspetoriais, quer locais, uma norma de serviço que correspondesse à importância, à delicadeza e em muitos casos também à complexidade dos fatos administrativos.

As reuniões, em todos os âmbitos e níveis, os cursos, a ininterrupta consulta e os contínuos contatos entre periferia e centro, foram ótimos instrumentos para melhorar muitas situações no setor administrativo-econômico-financeiro que tem necessidade de pessoas preparadas devidamente.

Permanecem deficiências de várias formas e proporções, devidas a causas diversas: penso que o Capítulo quererá

insistir nesta ação e até aperfeiçoá-la, visto que, se bem compreendida, é um serviço necessário e muito útil à comunidade e ao seu trabalho apostólico.

Em segundo lugar, como já acenei, a atividade do Economato Geral desenvolveu-se em todos os setores de competência própria da Direção Geral: devo dizer que também este é um trabalho que merece todo o nosso reconhecimento.

A leitura da relação servirá certamente para tomarmos consciência, além de desfazer fantasias e lendas diversamente publicadas com dano evidente da Congregação, da realidade, da verdadeira realidade, que é bem diversa de todas aquelas fantasias.

A primeira realidade que salta aos olhos de quem examina a relação é esta: a Direção Geral da Congregação, para fazer frente às urgentes despesas que lhe trazem todas as suas atividades, não tem renda alguma ou contribuição segura ou fixa, nem da Congregação, nem de fundos estáveis. Como podereis constatar da leitura da prestação de contas, a Direção Geral, com tudo quanto esta palavra importa e subentende de obrigações e de empenhos em âmbito mundial, vive de quanto a Providência manda através de benfeitores, freqüentíssimamente muito modestos e quase exclusivamente da Itália: a contribuição de alguma casa — digna sempre de apreço — representa uma gota no mar das necessidades.

Vivemos com a caridade dos benfeitores

A atividade da Direção Geral, portanto, na prática, está toda apoiada na beneficência. Espontaneamente havereis de perguntar-vos quais seriam as conseqüências de uma cessação ou de uma paralização desta benéfica fonte. D. Bosco, que

sempre foi adiante dentre dívidas e benfeitores, não permita que os seus filhos percam a credibilidade que atrai a Ele a bênção do Senhor também através de auxílio material.

De qualquer modo penso que tal interrogação será necessário colocá-la também em vista da transferência para Roma da Direção Geral e da eventual hipótese de que o Capítulo quisesse procurar outra orientação em relação à vida de tantas nossas obras que em todo o mundo são alimentadas pela Direção Geral.

É claro, pois, que vivemos e devemos viver antes de mais nada de nosso trabalho: mas deve ser também claro que, por motivos os mais diversos, nosso trabalho muitas vezes não é suficiente para manter as obras (penso nas enormes dificuldades que encontram não poucas Inspetorias para suprir às despesas do pessoal em formação), e tanto menos para criar novas, especialmente quando se trata de certos tipos de obras que todavia estão dentro de nossa missão, como pode ser uma escola profissional, uma obra de assistência ou uma casa de Retiros, ou ainda um Ateneu ou a Casa Geral. Nestes e em outros semelhantes casos a Congregação sempre teve necessidades de benfeitores, pessoas ou entidades, que de um modo ou de outro, vieram a suprir à nossa absoluta falta de recursos financeiros.

Penso neste momento, e só a título de exemplo, no grande vulto de bem que fizeram as casas missionárias que por decênios forneceram, às centenas, irmãos, pode-se dizer, para todo o mundo salesiano. Uma documentação faz chegar o número de tais salesianos a quase dois mil e quinhentos.

Pois bem, aquelas grandes e beneméritas obras trazem nomes: Rebaudengo, Bernardi Semeria etc. São os grandes benfeitores que deram os meios para construí-las ou aparelhá-las.

E o elenco poderia continuar; não apenas na Itália, mas um pouco em todos os países tantas obras existem e vivem pela generosidade de que falei acima.

Ainda recentemente se puderam realizar obras unicamente devido ao auxílio oferecido por novos benfeitores. Mas tal auxílio, onde quer que nos tenha sido oferecido, nunca condicionou de modo algum nosso apostolado, os nossos métodos, a nossa liberdade de ação; jamais nos envolveu ou implicou em operações ou situações de qualquer forma em contraste ou apenas menos convenientes com a nossa condição de religiosos, de salesianos. Certamente que não se poderiam destinar a outros fins, que no entanto seriam de sucesso em particulares situações, bens recebidos somente para determinados fins consentâneos com a nossa missão.

Compreendo a sensibilidade hodierna e estou convencido de que, em lugar de ignorá-la, devemos tê-la presente e tirar dela as necessárias conseqüências também no campo da ação. O Capítulo ocupar-se-á certamente deste argumento que tem reflexos e repercussões de grande importância em tantos setores da nossa missão. Mas a mim pareceria injusto e antes de mais nada irracional, querer julgar as situações passadas, ou de qualquer forma provenientes do passado, com os critérios e a sensibilidade de hoje.

E depois, parece-me que também defronte a situações, sensibilidade e instâncias hodiernas, devemos proceder com aquela serena e sábia visão de quem sabe distinguir o ouro da ganga, o que é contingente, fruto da moda, daquilo que tem valor perene: assim penso que D. Bosco também nesta conjuntura saberia perceber corretamente os sinais dos tempos.

Mas é tempo de acabar! Evidentemente, a economia devidamente enquadrada e dentro da função que lhe toca,

tem sua função instrumental na vida da Congregação, mas não é certamente este o seu problema central.

O problema central é sempre o salesiano

Para mim, e creio que estais todos de acordo, o problema central da Congregação, sobre o qual o Capítulo concentrará seu interesse e do qual todos os demais problemas deverão adquirir consistência é o Salesiano, a sua identidade, a sua missão, a sua formação, seu estilo de vida e todos os valores que nele convergem.

É o Salesiano a estrutura viva, a viga mestra da Congregação, ou melhor, o coração, a vida, a razão de ser da Congregação. Por isto, permiti que exprima ainda uma firme convicção minha de que, ancorada no Concílio, em todo o magistério pós-conciliar, nas experiências recolhidas em encontros com Superiores Gerais, foi-me sugerida pelos contatos, numerosos e diversificados, que pude ter nos vários continentes, com centenas e centenas de irmãos.

Para nada serviria todo o imenso trabalho até agora feito pela Congregação para preparar este Capítulo, e aquele não menos empenhativo e pesado ao qual nos dedicamos, se, o que Deus não permita, deste Capítulo não devesse sair um salesiano concretamente e vitalmente renovado.

Mas podemos com plena confiança dizer que tal hipótese carece absolutamente de base: e temos motivos para isso.

Eis porque, referindo-nos ao relatório que vos apresentei e comentei, com tudo o que de positivo e de negativo ele oferece à vossa consideração, enquanto vos apresenta um quadro o mais possível realista e existencial da Congregação, não quer em absoluto induzir-vos à tentação de vos demorardes em um estéril criticismo, mas tenciona unicamente oferecer-vos uma plataforma concreta da qual torna a partir

com renovado impulso, depois de uma corajosa e fecunda revisão, para atuar o programa que, já como conclusão do XIX Capítulo Geral, Paulo VI dava como síntese feliz à Congregação, e que nada perdeu de sua atualidade: *“Progredir”*.

É-me caro, e serve como um feliz augúrio o repetir-vos hoje esta palavra, mesmo porque nela me parece ouvir o eco da palavra sempre viva e atual de nosso dulcíssimo Pai: *“Não nos podemos deter”*.

A Virgem Auxiliadora nos ajude a receber concretamente este dúplice e paterno apelo: o da Igreja — na pessoa do Papa, e o do nosso Pai D. Bosco.